



2018/04/09

As Forças Armadas, os recursos humanos, o mito e a realidade¹

Fernando de Melo Gomes

Ao abordar a questão dos recursos humanos nas Forças Armadas, designadamente nos aspetos relacionados com a sua escassez associada à dificuldade de recrutamento e de retenção, bem como o alheamento que o poder, a sociedade e a opinião pública em geral lhe têm dedicado, sou levado a sublinhar, como mito, a ideia que perpassa de que a paz é um dado adquirido e que os riscos e ameaças não se colocam a Portugal e aos portugueses e que mesmo que tal venha a acontecer, outros tratarão do assunto.



Nos sistemas democráticos, em regra, o poder atende prioritariamente às questões que proporcionam vantagens de cariz imediatista. Reconhece temas preocupantes como sejam o terrorismo, ou, como se passa entre nós, o desastre dos fogos florestais, mas sabe que a opinião pública só se mobiliza verdadeiramente quando a insegurança lhe bate à porta.

Os riscos e ameaças que de facto põem em causa Portugal como o entendemos, a Europa onde nos integramos e a vivência democrática ocidental que partilhamos, não são, ou não parecem ser, preocupação de maior. Mas, o que é uma realidade indesmentível é a de que o mundo está mais perigoso. As assimetrias demográficas da Europa, da Ásia ou de África e a sua previsível evolução, as alterações climáticas, os extremismos, a proliferação nuclear, a não coincidência entre as nações e os Estados e a esgrima de poder entre as grandes potências, continuam e continuarão a expressar-se, potenciados pela ocorrência da reversão relativa de lideranças, mundiais ou regionais, que são hoje já evidentes.

Ora, tudo isto não parece merecer uma preocupação estrutural do Estado. Pelo contrário, tem-se verificado um alheamento traduzido, nomeadamente, numa quebra de laços de cidadania entre a Nação e as Forças Armadas

Na vertente “facilitista” dos direitos sem deveres, as juventudes partidárias impuseram o fim da conscrição... e transformaram por inteiro a relação do indivíduo com a instituição, que passou a ter como matriz essencial uma relação de interesse e não uma relação de dever e cidadania. Citando o Senhor General Ramalho Eanes, “As Forças Armadas foram colocadas num gueto” e, sendo assim, não se estranhe por parte da sociedade dita civil um claro alheamento e indiferença relativamente às questões de Defesa e das Forças Armadas.

Desde que foi instaurado o regime democrático em Portugal, têm vindo a verificar-se sucessivas reduções dos efetivos das Forças Armadas e não só, sem par em nenhuma Instituição do Estado. Densificando o assunto, a evolução desde 2010 (a

¹ Artigo originalmente publicado no jornal “Expresso” de 7 de abril 2018.

dita "Reforma 2020" previa um efetivo de cerca de 30.000) denota uma redução global de cerca de 29% mais especificamente de -22.5% na Marinha, de -33.4% no Exército e de -27.3% na Força Aérea. Os menos de 25.000 de hoje, materializam uma redução de mais de 60% em duas décadas e já não preenchem as necessidades do Sistema de Forças aprovado.

Esta situação é insustentável e incompatível com umas Forças Armadas eficientes ou eficazes. Atualmente, e isto poderá variar de Ramo para Ramo, serão capazes de operar sustentadamente e bem, em operações da baixa intensidade, mas não o poderão fazer em graus superiores de conflitualidade.

Não se podem escamotear as dificuldades económico-financeiras que nos têm vindo a afetar. E se a redução de recursos financeiros, se poderá de algum modo, compreender, mesmo na assimetria com outros setores do Estado, a dualidade de critérios é patente: as modificações estruturais e estatutárias, a discrepância de vencimentos, designadamente com as Forças de Segurança, a saúde e a assistência e proteção social, refletem uma degradação injusta, desmotivante e inaceitável, que é necessário urgentemente reverter.

Tudo o que foi dito, aliado às circunstâncias particularmente duras da vida militar, muito diferentes do que se exige à juventude em particular, conduziram a uma situação muito grave nas Forças Armadas que requer cuidada e urgente ação política... e não só.